



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DUCINÁRIA AZEVEDO AVELINO

**ESPAÇO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE
DE MONTE DO CARMO – TO: A RAINHA DO ROSARIO**

PORTO NACIONAL – (TO)
2021

DUCINÁRIA AZEVEDO AVELINO

**ESPAÇO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE
DE MONTE DO CARMO – TO: A RAINHA DO ROSARIO**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Geografia, para obtenção do título de Licenciatura em Geografia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Valdir Aquino Zitzke.

**PORTO NACIONAL – (TO)
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A948e Avelino, Ducinária Azevedo .
 Espaço da festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Monte do Carmo – TO: a rainha do Rosário . / Ducinária Azevedo Avelino. – Porto Nacional, TO, 2021.
 27 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2021.
 Orientador: Valdir Aquino Zitzke
1. Festas. 2. Geografia Cultural. 3. Religiosidade. 4. Nossa Senhora do Rosário. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

DUCINÁRIA AZEVEDO AVELINO

ESPAÇO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE MONTE DO CARMO – TO: A RAINHA DO ROSARIO

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Geografia, para obtenção do título de Licenciatura em Geografia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. (Valdir Aquino Zitzke.), UFT

Prof. Dr. (Marciléia Oliveira Bispo), UFT

Prof. Dr. (Vera Lucia Aires Gomes da Silva), UFT

PORTO NACIONAL – (TO)
2021

RESUMO

Esta pesquisa trata dos aspectos históricos do festejo de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Monte do Carmo, Estado do Tocantins. A dinâmica criada para essa festividade e os protagonistas (moradores) que realizam a festa, sendo eles os responsáveis pela manutenção secular da tradição, justificando a pesquisa e ressaltando a importância da festa para a comunidade e para a cidade. O objetivo da pesquisa é analisar o espaço sagrado da festa de Nossa Senhora do Rosário, tendo como procedimentos metodológicos a observação direta, enquanto moradora e participante da festa e a revisão bibliográfica disponível. Torna-se necessário refletir sobre a importância da festa para a comunidade, perceber as especificidades do ambiente cultural e o espaço geográfico em que a festa ocorre. Conclui-se que o território percorrido pelos participantes e fiéis pela cidade, transforma-se em espaço sagrado porquanto dura a festividade, onde acontecem os rituais e atos de devoção e fé, que caracterizam, também, a dimensão cultural de Monte do Carmo.

Palavras-Chave: Festas; Geografia Cultural; Religiosidade; Nossa Senhora do Rosário.

ABSTRAC

This research deals with the historical aspects of the celebration of Nossa Senhora do Rosário in the city of Monte do Carmo, State of Tocantins. The dynamics created for this festivity and the protagonists (residents) who carry out the festival, who are responsible for the secular maintenance of the tradition, justifying the research and highlighting the importance of the festival for the community and for the city. The objective of the research is to analyze the sacred space of the feast of Nossa Senhora do Rosário, having as methodological procedures the direct observation, while resident and participant of the feast, and a bibliographical review available. It is necessary to reflect on the importance of the festival for the community, realizing the specifics of the cultural environment and the geographic space in which the festival takes place. It is concluded that the territory covered by the participants and faithful in the city, becomes a sacred space as the festival lasts, where rituals and acts of devotion and faith take place, which also characterize a cultural dimension of Monte do Carmo.

Key words: Parties; Cultural Geography; Religiousness; Lady of Rosario.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização de Monte do Carmo - TO.....	12
Figura 2. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo.....	12
Figura 3. Chegada dos Festeiros.....	13
Figura 4. Chegada dos Festeiros.....	13
Figura 5. Rei e Rainha do Rosário acompanhados pela população, taieira e carro de boi.....	14
Figura 6. Chegada dos Festeiros.....	15
Figura 7. Chegada dos Festeiros à Porta da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	16
Figura 8. Rainha e Rei do Rosário.....	19
Figura 9. População Acompanhado a Caçada da Rainha.....	21
Figura 10. Caçada da Rainha.....	21
Figura 11. Tambozeiros.....	22
Figura 12. Caçada da Rainha.....	23
Figura 13. Cortejo da Rainha.....	24
Figura 14. Cortejo à Igreja.....	24
Figura 15. Cortejo da Rainha.....	25
Figura 16. Cortejo de volta à casa da rainha.....	25
Figura 16. Cortejo de volta à casa da rainha.....	25
Figura 17. Rainha, Rei, Taieiras e Congos reunidos na casa da rainha para último registro da festividade, em agradecimento à boa realização do folguedo.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 AS FESTAS RELIGIOSAS DE MONTE DO CARMO- TOCANTINS.....	11
3 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE	16
3.1 A festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo- TO	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Atualmente uma das áreas que vem sendo estudada na geografia é a importância dos festejos populares no contexto cultural do país. Surge, assim, no final do século XIX o termo Geografia Cultural, que estuda as normas e produtos culturais, com foco na análise e descrição de fenômenos constantes e variáveis, como: religião, crença, cultura, economia, entre outras.

Nesse sentido, o presente estudo elege a cidade de Monte do Carmo, situada na região central do Estado do Tocantins, sendo a festa de Nossa Senhora do Rosário como o objeto principal de análise.

Faz-se necessário refletir sobre a importância da festa para a comunidade, perceber as especificidades do ambiente cultural e o espaço geográfico em que a festa ocorre. Cabe destacar que, no município, além do festejo voltado para padroeira, há também outras festividades em conjunto e ao decorrer do ano.

Esta pesquisa trata dos aspectos históricos do festejo de Nossa Senhora do Rosário, a dinâmica criada para essa festividade e os protagonistas (moradores) que realizam a festa, sendo eles os responsáveis pela manutenção secular da tradição, justificando a pesquisa e ressaltando a importância da festa para a comunidade e para a cidade.

A problemática aqui levantada está relacionada às indagações pertinentes a história da festa de Nossa Senhora do Rosário e os espaços que a festa percorre. Quais são os espaços em que ocorre esse festejo na cidade? De que maneira é realizada essa festividade? Como podem ser percebidas as mudanças e transformações espaciais nos dias do festejo? As festividades são momentos transitórios na vida das pessoas e na rotina da cidade, sendo também um conjunto de vivências, troca de aprendizado dos saberes e fazeres específicos do espaço festivo.

O objetivo da pesquisa é analisar o espaço sagrado da festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo, tendo como procedimentos metodológicos a observação direta, enquanto moradora e participante da festa e a revisão bibliográfica disponível. Trata-se de decodificar a trajetória que a festa percorre, observando as especificidades dos locais que ocorre as celebrações.

Ademais, analisamos os personagens festivos, bem como a importância da Rainha do Rosário no decorrer das comemorações, sendo ela o centro da manutenção cultural. O Rei que

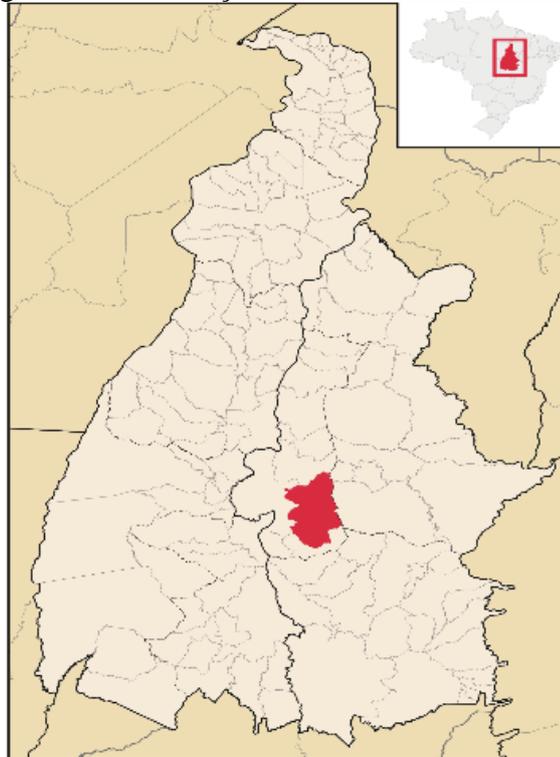
tem papel fundamental de companheirismo e proteção, compõe esse universo de celebração popular religiosa na intensidade da autoridade que lhe compete.

Monte do Carmo é uma das cidades mais antigas do Tocantins e do Brasil, ainda com características coloniais e festividades que nos remetem à tradição de povos que fundaram uma comunidade, criaram suas famílias e fixaram ali suas tradições, sobretudo, o culto aos seus santos. Essa manutenção cultural em tempos contemporâneos, nos faz pensar na resistência de um povo, que entre as Serras do Carmo, sofreram para sobreviver, manter e repassar uma tradição que nos permite ainda presenciar. A identidade cultural de Monte do Carmo está baseada nas festividades que foram repassadas por nossos antepassados, cabe a nós preservar e valorizar, para a manutenção da memória da comunidade.

2 AS FESTAS RELIGIOSAS DE MONTE DO CARMO- TOCANTINS

Segundo Avelino e Avelino (2018), a história do município inicia no século XVII, não havendo registros específicos sobre uma data concreta em relação a existência do povoado. Ao pesquisar os “relatos de viajantes, memorialistas e historiadores, que se dedicaram a escrever sobre Capitâneas”, em específico a Capitania de Goiás, verificaram que o Arraial pode ter sido fundado 1741, muito embora não se tenha precisão quanto a esta datação. Mas, nos escritos do viajante Cunha Matos, que apresenta dados quanto a dois períodos, constam duas datas distintas 1741 e 1746 (AVELINO e AVELINO, 2018).

Figura 1 - Localização de Monte do Carmo – TO



Fonte: pm.to, 2021.

Monte do Carmo está situado na região central do Estado do Tocantins (Figura 1), a 89 km da Capital, Palmas, e com a população aproximada de 7.000 (sete mil) habitantes. A economia gira em torno da pecuária de corte e agricultura, sendo a agricultura uma das atividades em crescente desenvolvimento, com o aumento das lavouras de soja no município.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira da cidade, está situada na praça da matriz da cidade, sendo ponto de encontro cultural e religioso, onde ocorrem eventos de natureza significativa para a comunidade, como: ponto de partida e chegada das Folias do Divino Espírito Santo; Missa campal de São Sebastião celebrada à porta da igreja, Alvoradas de Nossa Senhora do Carmo, entre outras.

Figura 2 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Autor, 2018.

Em relação à Igreja matriz de Monte do Carmo, foi construída em 1801.

Reza a tradição local no dia 16 de julho de 1801, período em que se encontrava ouro em abundância nas minas do arraial, os bandeirantes encontraram em grande veio aurífero na região e, a partir desse achado, resolveram elevar uma igreja em honra a nossa Senhora do Carmo. (MESSIAS, 2010 p. 94.).

A festa de Nossa Senhora do Rosário trata de um festejo religioso e cultural que remonta ao período colonial, sendo a santa estimada, reverenciada e reconhecida como protetora dos negros. É do senso comum local que foram os negros os primeiros a iniciarem esta festividade em Monte do Carmo. Ao longo do tempo a festa ganhou importância política e foi desmembrada e celebrada por dois momentos no ano, em julho e outubro. Composto os Festejos do Carmo no mês de julho, junto com a Festa do Divino Espírito Santo, Festa da Padroeira e em seguida a Festa do Rosário, em outubro pelo dia 07 e 08, no contexto do calendário da igreja celebra com um folguedo menor, mas com as mesmas características de julho, a festa de Nossa Senhora do Rosário. Na cidade também ocorrem outras festividades, como as Folias dos Santos Reis e a Festa de São Sebastião no mês de janeiro.

De acordo com Zitzke, 2018,

O Festejo de Monte do Carmo, enquanto manifestação de fé e devoção do catolicismo popular no estado do Tocantins é formada por três eventos religiosos sob o controle da igreja católica: a Festa de Nossa Senhora do Carmo, do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário. Estudar a Geografia do sagrado durante a manifestação da fé e devoção dos fiéis permite aos alunos conhecer a realidade das pessoas durante os festejos e aprofundar os conhecimentos sobre espaço sagrado, lugar, espacialidades e perceber limites que a geografia está por superar. (Zitzke, 2018, p. 02)

Não se sabe ao certo há quanto tempo ocorreu a junção das três festividades, mas de acordo com relatos de moradores o Distrito do Carmo era assistido pela paróquia de Porto Nacional, e com a pouca quantidade de padres para atender as regiões não havia possibilidade de se deslocar por diversas vezes no ano para realizar as celebrações. Portanto, foi definido que se fizesse a junção, por ser época de férias, uma vez que as escolas eram administradas pela igreja e para que os fiéis que moravam mais distantes pudessem celebrar e comemorar.

Figura 3 - Chegada dos Festeiros



Fonte: Autor, 2018.

Figura 4 - Chegada dos Festeiros



Fonte: Autor, 2018.

Figura 5 - Rei e Rainha do Rosário acompanhados pela população, taieira e carro de boi



Fonte: Autor, 2018.

Figura 6 - Chegada dos Festeiros



Fonte: Autor, 2018.

Figura 7 - Chegada dos Festeiros à Porta da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Autor, 2018.

O marco inicial das *festas de julho*, como é chamada pelos moradores, é o dia 07 de julho, com a chegada dos festeiros como observamos nas imagens acima. Montado em seus cavalos, acompanhados pela população, foliões, tamboeiras, taieiras, congos, crianças, carros de boi e objetos de que simbolizam os rituais festivos, como o tambor. Eles fazem um percurso pelas ruas da cidade, com cantos e gritos de *vivas os festeiros*. Os festejos do Carmo ocorrem na ordem: Nossa Senhora do Carmo, com o novenário, Festa do Divino Espírito Santo e, em seguida e por fim, a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

3 GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

No Boletim Gaúcho de Geografia, Zeny Rosendahl (1995) fez uma breve explicação do pensamento religioso na Geografia, classificando-os em três momentos, visando a compreensão sobre a relativa negligência da Geografia face à temática da religião: o primeiro abrangeu a Geografia pré-científica e foi até o início do século vinte; o segundo período teve início após a Primeira Guerra Mundial e persistiu até o final da década de mil e novecentos e sessenta e o terceiro período, por sua vez, teve início nos anos de mil novecentos e setenta e se estende até os dias atuais.

As festas católicas, enquanto manifestações do sagrado são reconhecidas como uma hierofania, termo que significa “algo de sagrado que se revela”. A hierofania revela dois pontos: o ponto *fixo*, denominado centro, e que contém o simbolismo de fundação, o santo ou a santa, divindade, ou seja, o centro da manifestação religiosa, e o *entorno*, que traz em si os elementos necessários que expõem as formas espaciais (ROSENDAHL, 1995).

A geografia da religião, para Barret (1982) pode ser denominada como uma análise e descrição do fenômeno religioso em termos da ciência geográfica. Uma geografia das religiões que remete aos *efeitos e relações* da religião com a sociedade, meio-ambiente e cultura e, sob este ponto de vista, a religião é estritamente uma instituição humana. Sendo assim, o que se evidencia são as suas relações com os vários elementos humanos e físicos (STUMP apud PARK, 1994).

Para Otto (1992), o aspecto mais legítimo e essencial da religião é a sua sacralidade, e considera que a “religião é a experiência do sagrado”. Por outro lado, Sopher apud Rosendahl (1995, p. 11) apontava a religião como “um sistema de fé e de culto, um grupo de crenças sagradas institucionalizadas, guardando observâncias e práticas”.

Eliade (1995) refere-se a um “espaço sagrado” como poderoso e significativo e, como tal, é estruturado e consistente e, em contrapartida, o espaço não-sagrado é amorfo e vazio. É na experiência do sagrado que o ser humano descobre a realidade do mundo dos significados e a ambiguidade de todo o resto. A experiência religiosa do espaço se apresenta como primordial e, deste modo, é o marco referencial da própria origem do mundo. Quando o sagrado se manifesta ele expressa o absoluto em meio à completa relatividade da extensão que o envolve.

A dinâmica do espaço sagrado reitera a transcendência própria da experiência religiosa. O espaço sagrado é a imagem da experiência religiosa cotidiana assim como sua

própria referência (FILHO, 2001) e isso pode ser visivelmente percebido na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Monte do Carmo.

Geografia e religião são duas práticas sociais e ambas se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente (ROSENDAHL, 1995).

Nas festas católicas, Nossa Senhora do Rosário é o elemento central do catolicismo popular (OLIVEIRA, 1983). A concepção popular sobre os santos vai além da noção pregada pela Igreja. Os santos são pessoas, isto é, seres individuais, dotados de liberdade, vontade, qualidades próprias. Habitam o céu, estando junto de Deus, e por isso, tem poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na terra através de suas imagens, que equivalem à própria pessoa do santo. É como se a imagem estivesse viva (OLIVEIRA, 1983).

Em relação ao tema Religiosidade tem sido contemplado por diversos teóricos, a exemplo de Durkheim (1996, p. 462), para quem a ideia de sociedade é a alma da religião. Portelli (1984, p.5) apresenta a concepção de Gramsci, na qual vê a religião como força social, além de discutir o papel político da chamada religião popular.

Um primeiro aspecto, a religião é considerada como parte das idealizações ou das representações que os seres humanos fazem de seu mundo ou mesmo de si mesmos. Por meio destas representações, o homem constrói a realidade em sua mente. Estas representações são construídas por meio das condições concretas e históricas dos atores sociais. (RABELO, 2016 p.47).

Diante disto, no contexto português e brasileiro, ser católico era pressuposto de cidadania, inclusive para receber sesmaria. O catolicismo implanta-se no Brasil como religião do Estado, sendo um dos elementos essenciais da empresa colonial portuguesa e funcionou sob o regime do padroado o qual manteve o aparelho. Religioso sob sua tutela. Além disto, o catolicismo se implantou no Brasil, também, pela ação dos colonos, pelo fato de ter acontecido uma colonização através da migração de portugueses e espanhóis no século XVII. (RABELO, 2016 p.51).

De tal modo, pensar a cidade de Monte do Carmo, nessa conjuntura festiva religiosa, é considerá-la enquanto espaço de fé, celebração e devoção, que altera a paisagem e constrói o espaço sagrado onde acontecem as celebrações. Para Guaranello (2001, p. 972), quando as festas acontecem, também “ocorrerá sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado.” O mesmo autor ainda argumenta que;

O produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determina identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. Mas que tipo de identidade? Trata-se de uma questão crucial e da resposta que dermos a ela dependerá nossa capacidade de falar da festa em geral. (GUARANELLO, 2001 p. 972).

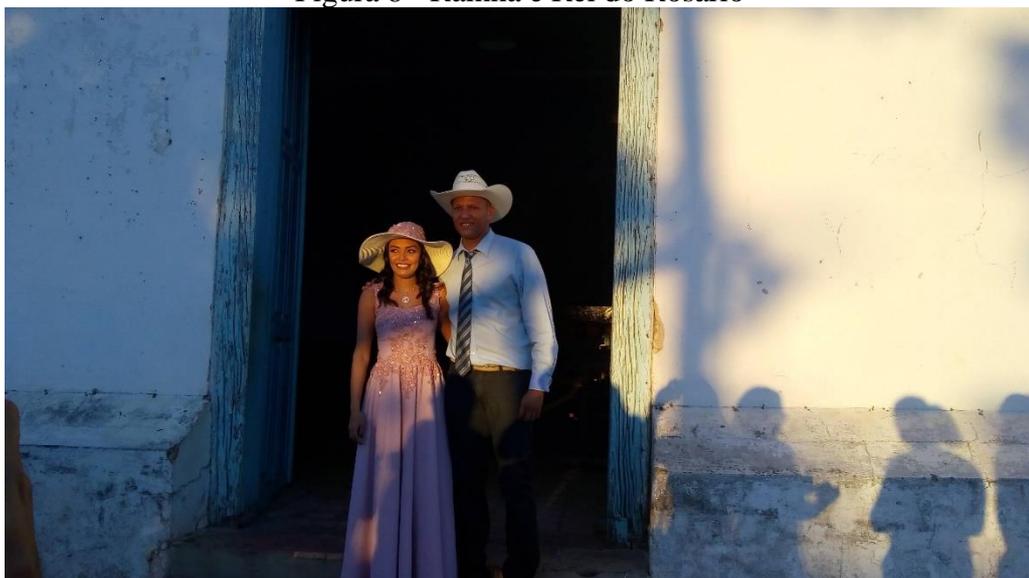
Nesta perspectiva, é importante destacar que na produção dos Festejos do Carmo, além de toda pompa na organização anual, verifica-se a reprodução dos valores e costumes herdados das gerações anteriores, constituindo-se, também, em produção espacial.

3.1 A festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo- TO

Esta festa católica acontece duas vezes ao ano, a primeira em julho, junto com os Festejos do Carmo e no dia sete (07) de outubro, dia oficial que se comemora a Santa Nossa Senhora do Rosário. Assim como as demais manifestações de fé dos moradores de Monte do Carmo a festa era conhecida por Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no entender popular, iniciou sem nenhuma ajuda financeira, sendo os devotos os responsáveis pela organização e doações de alimentos para o evento festivo.

Durante muitos anos a festa foi considerada inferior, por ser realizada por pessoas negras e de baixo poder aquisitivo, fato que ainda se percebe na festa realizada em outubro, sem as pompas observadas nos Festejos do mês de julho. Para este trabalho observamos as comemorações do Rosário no mês de julho.

Figura 8 - Rainha e Rei do Rosário



Fonte: Autor, 2018.

Notamos que durante a festa o poder de autoridade e reverência se inclina à figura da Rainha do Rosário, nada ofuscando a sua autoridade, sendo a figura do Rei, o consorte e, inclusive, opcional no evento, ou seja, a lista de espera para realização da festividade somente cabe o nome da rainha, o rei é escolhido por ela no momento do anúncio da nova rainha na Igreja. Esta autoridade de visibilidade da Rainha pode ser percebida nas denominações de momentos do evento, como “a casa da rainha”, “a festa da rainha”, a “caçada da rainha”, ou num cântico “o rei é bom, a rainha é melhor”.

Para esta pesquisa vale relatar de maneira mais específica esse tradicional trajeto festivo, a fim de perceber e registrar sua importância para a comunidade. Originária do período colonial o ritual que compõem a festividade é um valioso patrimônio intangível.

Carvalho (2010, p.09), aborda que existem diversos estudos que revelam a origem do festejo do reinado de Nossa Senhora do Rosário, que “nasceu das práticas rituais desenvolvidas nas irmandades negras coloniais”. Estas confrarias surgiram na Europa medieval e apareceram como instituições marcadas por funções caridosas e religiosas. Segundo o autor, foi “no contexto das práticas religiosas das confrarias que as festas surgiram como importante elemento de devoção”.

As confrarias eram consideradas umas das principais instituições de princípios sociais que se tornou presente em todo império colonial português, sendo um dos pilares da colonização no momento em que o Brasil era construído pela mão de obra escrava, a entrada dos africanos nas confrarias era com propósito de solucionar problemas de resistência à integração e evangelizar (CARVALHO, 2010. p. 09).

Há registros que houve a organização da Confraria Religiosa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Monte do Carmo. Apesar de não ter uma data específica do início do folguedo, ouve – se dizer que a origem se deu pela narrativa de um escravo trabalhador das minas, que encontrou na Serra do Carmo, uma imagem de Nossa Senhora do Rosário e a levou para o Arraial. Entretanto, no dia seguinte, a santa desapareceu. Inconformados com o desaparecimento misterioso, esse mesmo escravo retornou ao local que a encontrou e lá ela estava trazendo-a novamente a cidade. O episódio do desaparecimento se repetiu pela segunda vez e, desse fato, os moradores resolveram reunir um grupo de homens e mulheres para que fossem em busca da imagem de Nossa Senhora do Rosário e, em forma de cortejo, organizaram uma caçada, com cantos, tambores e danças. Ao encontrar a referida imagem, trouxeram-na de volta em um ritual de devoção. Após esse episódio a Santa não desapareceu mais.

Contudo, os negros resolveram erguer uma capela para Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que, ao longo dos anos, foi destruída pela ação do homem ou por fatores naturais. Não há registros específicos, apenas relatos orais sobre a existência da Igreja que estava situada na atual Praça Alexandrino Pinto Cerqueira no centro da cidade e não há vestígios materiais concretos que possam materializar e precisar o local. O que se sabe é que as festividades em louvar a santa resistiram até os dias atuais sendo considerada por Carvalho (2010, p. 09), “que todo o ritual que compõem é considerado o universo das representações africanas”.

Tão logo se encerra a festa do Divino Espírito Santo, dentro dos Festejos do Carmo, no mês de julho, se inicia a festa do Rosário. O rei e a rainha que já estão na cidade desde o dia 07 do corrente mês, organizando os preparativos, recebendo convidados e ajudantes. No primeiro dia da festa acontece a Caçada da Rainha, ritual carregado de simbolismos. O evento começa com as pessoas se aglomerando na frente da casa da rainha para os preparativos, com tambores, bebidas, montarias, vestimentas. O cortejo, com a rainha e o rei e os casais da corte montados a cavalo, são seguidos pelas pessoas, a pé, pelas ruas da cidade, rumo ao ‘botequim’, um local distante mais ou menos 2 km da casa da rainha, local onde são oferecidas comidas e bebidas, com rodas de sucia.

Figura 9 - População Acompanhado a Caçada da Rainha



Fonte: Autor, 2018.

Figura 10 - Caçada da Rainha



Fonte: Autor, 2018.

O cortejo é composto pelos caçadores e caçadoras vestidos a caráter e formados por pares, montados em cavalos ornamentados, sendo que o ultimo par é o Rei e Rainha do Rosário. Durante esse trajeto, segue um carro com caixas de bebidas geladas que são oferecidas população, que canta e dança ao som dos tambores e as figuras das ‘caretas’, que assustam crianças com suas máscaras e longos cipós.

Figura 11 - Tambozeiros



Fonte: Autor, 2018.

Ao longo do trajeto a população canta, dança, grita com muita animação, ao som dos tambores, cantos como:

*Ô passarim alegre
Alegre vou cantando
Senhora do Rosário
Que nós tamo festejando.*

*Passarim beija fulô
Beija aqui beija acolá.*

*Quem pode mais
É Deus do céu.*

*O rei é bom
A rainha é mió.*

Este evento, a caçada, tem outra versão conhecida na história: a princesa Isabel, após assinar a Lei Áurea, fugiu e escondeu-se na cidade de Petrópolis, receosa pela reação dos escravagistas. Os escravos, libertos, em hora ao ato d Princesa, foram até Petrópolis buscar a Princesa e traze-la em segurança até a cidade do Rio de Janeiro. O termo “caçada” estaria relacionado ao ato de procurar e buscar algo ou alguém. No catolicismo popular de Monte do Carmo popularizou-se como “caçada da rainha”.

Figura 12 - Caçada da Rainha



Fonte: Autor, 2018.

Ao terminar a cerimônia, todos retornam à cidade por outro caminho, a rua Pedro de Oliveira Negre, sendo uma das ruas mais antigas da cidade, até a Igreja Matriz com o mesmo ritual festivo de cantos, danças e muita animação e, após uma breve parada na Igreja, seguem para Casa da Rainha.

À noite a nova rainha, eleita para reinar no ano seguinte e para fazer a festa, aguarda a rainha atual para juntas, seguem em cortejo até a igreja, em propósito da missa e coroação na nova rainha e rei, quando o casal atual transfere as coroas para o novo casal, realizado pelo padre e autoridades religiosas.

Ao fim da celebração, os dois casais reais retornam em cortejo pelas ruas da cidade até a Casa da Rainha, onde tomam o assento do trono para receber as homenagens por parte dos participantes da festa.

Na manhã do dia seguinte a rainha recebe a visita das Taieiras, dos Congos e demais devotos que, juntos, tomam café. Logo a seguir, em cortejo, a população acompanha o rei e a rainha à missa de Nossa Senhora do Rosário, pelas ruas da cidade, saindo da Casa da Rainha em direção à igreja ao som dos tambores, vestidos com roupas que remetem às características africanas. No decorrer da missa há homenagens à santa e o testemunho do rei e rainha em forma de discurso emocionante de devoção e fé por ter cumprido o propósito de realização do folguedo e/ou por terem sido agraciados pela cura em torno das promessas feitas. Cabe aqui destacar que nem sempre a escolha da rainha é com finalidade do pagamento de promessas, por vezes o interesse em “pegar a festa” é por devoção, pelo interesse cultural ou por ter o sonho de ser rainha.

Ao fim da celebração é anunciada a Rainha do Rosário e se organiza o cortejo para festejar a nova Rainha e finalizar a festa na Casa da Rainha, comemoração que se alonga por todo dia com o tradicional forró.

Figura 13 - Cortejo da Rainha



Fonte: Autor, 2018.

Figura 14 - Cortejo à Igreja



Fonte: Autor, 2018.

Figura 15 - Cortejo da Rainha



Fonte: Autor, 2018.

Figura 16 - Cortejo de volta à casa da rainha



Fonte: Autor, 2018.

Figura 17 - Rainha, Rei, Taieiras e Congos reunidos na casa da rainha para último registro da festividade, em agradecimento à boa realização do folguedo



Fonte: Autor, 2018.

Para propósito desta pesquisa, vale especificar que o território percorrido pelos participantes e fiéis pela cidade, transforma-se em espaço sagrado porquanto dura a festividade, onde acontecem os rituais e atos de devoção e fé, que caracterizam, também, a dimensão cultural de Monte do Carmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o Festejo de Nossa Senhora do Rosário, celebrado anualmente em duas ocasiões (julho e outubro) na cidade de Monte do Carmo – Tocantins, propiciou observar a dimensão cultural que a festa evidencia o grande envolvimento da população local durante os preparativos da festa, desde a produção de comidas, como bolos e biscoitos, e bebidas, como o licor de jenipapo.

Além disso, a participação dos Congos e das Taieiras, dos tambores e dos cânticos evidenciam o aspecto marcadamente africano, como uma reminiscência negra na cidade.

A santa, Nossa Senhora do Rosário, uma das divindades católicas ligadas ao universo de negros e escravos, como santa de devoção, evidencia o aspecto feminino, da mãe que cuida e ampara nos piores momentos do cativo e da vida ‘livre’, daí a centralidade da Rainha do Rosário, em detrimento da figura do Rei.

A festa que acontece no mês de julho, junto com a Festa de Nossa Senhora do Carmo e do Divino Espírito Santo, além da dimensão religiosa, possui um caráter cultural que marca uma tradição e uma ancestralidade que poderia ser abordada em outras pesquisas.

Todo universo festivo, que inicia na chegada dos festeiros até a última missa de escolha dos novos festeiros, há inúmeras cenas que compõem a cultura intangível da comunidade, feita e preservada por diversas mãos, em um ato de solidariedade, agradecimento e doação. A fé fica no centro de toda a organização festiva, sendo ela o motor que move a realização dessa festividade por séculos.

O espaço geográfico que a festa percorre carece de mais visibilidade, destaque, reconhecimento e sinalização, para que os visitantes que não conhecem o local, passem a ter referências desse trajeto e o que ali ocorre, valorizando ainda mais esses pontos de cultura, na finalidade de preservação da cultura popular religiosa.

REFERÊNCIAS

- AVELINO, R. A.; AVELINO, D. A. A Contribuição do estudo de história regional das práticas culturais da cidade de Monte do Carmo do Tocantins. **V Simpósio Nacional. VIII Simpósio do NURBA. Anais.** Porto Nacional, 2019.
- BARRET, D.B. World Christian Encyclopedia. **A Comparative Study of Churches and Religions in the Modern World, AD 1900-2000.** Nairóbi: Oxford University Press, 1982.
- CARVALHO, N. M. **Religiosidade e Devoção: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO, 2010.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIL FILHO, S.F. **Por Uma Geografia do Sagrado.** Departamento de Geografia UFPR. Curitiba: PR, 2000. Disponível em: http://www.nupper.com.br/home2/wp-content/uploads/5-por_uma_geografia_do_sagrado.pdf . Acessado em: 15/02/2021.
- GUARINELLO, N. L. **Festa, trabalho e cotidiano.** In: JANCSÓ, I. e KANTOR, I. (Ed.). Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa, volume II. São Paulo: EDUSP/FAPESB/Imprensa Oficial, 2001.
- OLIVEIRA, P. R.. Expressões religiosas populares e liturgia. **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 43, fasc. 72, 1983.
- OTTO, R. **O Sagrado.** Lisboa: Edições 70, 1992.
- PARK, C.C. **Sacred Worlds: An Introduction to Geography and Religion.** New York: Routledge, 1994.
- PORTELLI, H. **Gramsci e a questão religiosa.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
- RABELO, C. M. **Mercado e devoção: um estudo sobre as transformações recentes na festa do Divino Pai Eterno em Trindade-Goiás.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás 2016.
- ROSENDHAL, Z. Geografia da Religião. **Boletim Gaúcho de Geografia.** 96-99, dez., Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/bgg/article/download>. Acessado em 26/02/2021.
- ZITZKE, V. A. Espaço Sagrado e lugar em Monte do Carmo Tocantins: Laboratório de Ensino de Geografia do Sagrado. **IX Seminário Internacional de Educação Superior.** Universidade Federal de Pelotas, RS, 2018.